



Entrevista a José Fidalgo, presidente Junta de Freguesia Vila Franca de Xira

“Temos uma unidade territorial que queremos que seja pró-activa”

José Fidalgo defende um melhor acesso ao rio Tejo, queixa-se do problema de saúde pública que os gatos vadios provocam e fala ainda, nesta entrevista à Tribuna, das acessibilidades da cidade, entre outros projectos.

Texto e Fotos
SÓNIA ANDRADE
sandra.tribuna@gmail.com

Qual é o problema prioritário da freguesia?

Para nós o problema de fundo é não acederemos ao rio, o que nos atormenta. O Polis XXI começa a permitir ver o Tejo de frente mas o problema persiste: como é que chego ao rio se tenho sempre a linha de Caminhos de Ferro.

Onde a pôr?

Não sei, mas os vila-franquenses são pessoas da beira-Tejo e não conseguimos desfrutar desse recurso natural. Para além das vantagens acrescentadas que o Tejo pode ter, tais como o transporte para a outra margem, desportos náuticos e actividade piscatórias – uma mais valia afectiva que ajuda a económica. O cais de Vila Franca vai passar da gestão do Porto de Lisboa para o município. A Fábrica do arroz será remodelada e requalificada para vir a ser uma biblioteca, é um exemplo de aproveitamento de uma indústria devoluta – ainda não vi o projecto mas agrada-nos.

É importante que o Tejo ganhe mais valor: a grande mancha que identifica VFX é a mancha de água. Temos de deixar de estar de costas para o Tejo e para a Lezíria. O rio tem de ganhar uma dimensão que nos une e não que nos separe. Essa é a nossa bandeira da área metropolitana de Lisboa.

Defendo uma unidade territorial que queremos que seja pró-activa. Temos uma largura do Tejo com uma mancha muito larga, temos o maior observatório de aves da Península Ibérica, daí defender que o valor dos interesses nacionais devem ser ponderados - refiro-me à localização do caminho de ferro.

A reestruturação da toponímia de Vila Franca de Xira é um processo que se tem vindo a desenvolver. O que já foi feito?

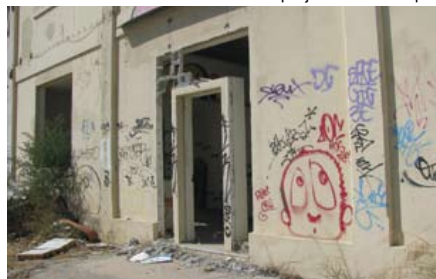
Já foi feito um levantamento de todas as ruas. As placas, na sua maioria, já foram colocadas. É um projecto em fase de conclusão. A responsabilidade regulamentar é municipal, nós sugerimos os nomes e instalámos as placas.

A sinalética informática tem sido feita para evidenciar os serviços de Vila Franca de Xira e também os locais de actividade económica, cultural e patrimonial. Há ainda pormenores a fazer, mas o projecto dos percursos identitários tem vindo a ser feito com continuidade. Falo de figuras notáveis que residiram e cresceram aqui e tiveram notas importantes, como por exemplo a povoação de “Olhos de água”, um livro de Alves Redol, entre outros. É feito de forma gradual, em parceria com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (CMVFX) e agentes de publicidade, juntando assim a vertente económica à cultural.

A loja do cidadão foi inaugurada em 2003. Tem funcionado bem?

Sim, ao nível da eficiência e eficácia do funcionamento tendo inclusive recebido elogios da entidade

AMA – Agencia de Modernização da Administração. Funciona dentro das instalações da junta e presta vários serviços, tais como transferência de morada nas cartas de condução, revalidações de cartas de condução, registo criminal, despesas ADSE, cartões europeus, Seguro de doença para Segurança



Fábrica do Arroz será transformada em biblioteca

Social. Tem tido uma grande procura por parte da população Podia, no entanto, alargar-se a outros serviços tais como a emissão cartão do cidadão, documento único do veículo, emissão de passaporte, serviços estes muito solicitados pelo cidadão.

Os animais vadios continuam a ser um problema da cidade?

Infelizmente sim. Mas quando falamos de animais vadios, não são, na sua maioria, animais abandonados mas gatos vadios que têm um raio de acção mais alargado e vêm aqui porque são alimentados. Há muita gente a alimentá-los numa atitude de bondade mas que resulta de uma falta de informação dos problemas de saúde que estes implicam. Estamos a fazer campanhas de sensibilização, estão previstas outras em parceria com delegação de saúde e CMVFX

para dar antecépticos de forma a evitar a reprodução. A atitude da população é de bondade mas é uma manifesta falta de bom senso, no que diz respeito às questões de saúde.

Há muito que se fala de novas instalações para as oficinas da junta. Em que ponto está a situação?

Temos tentado arranjar condições para as melhorar de maneira a realizar os serviços de varredura da calçada, tratamento de zonas verdes, etc. As instalações ao lado da igreja resultam de um acordo antigo para, entretanto, passarem a ser um complexo da paróquia. Falámos com a presidente da CMVFX, Maria da Luz Rosinha, sobre uma nova localização nos Bancelos, mas nada está formalizado, no entanto tenho essa expectativa.

E quanto às obras de melhoramento das estradas e estacionamento?

Foram feitas obras na Rua Alves Redol que passou a ter uma faixa de Bus que os veículos normais podem usar para virar à direita nos cruzamentos, mas é predominantemente para transportes públicos. O projecto em si é o principal constrangimento da freguesia: a circulação e o estacionamento são prioritários mas numa lógica específica. A primeira prioridade são os transeuntes, uma vez que em primeiro estão as pessoas. Na cidade vivem pessoas, é para elas que devemos trabalhar e melhorar a qualidade de vida. Defendo o conceito de uma cidade competitiva que é boa para viver,



José Fidalgo, presidente da Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira

investir e visitar. Queremos jogar com dois factores, de maneira que uma cidade não seja um dormitório e tenha vida própria. Para tal, desenvolvemos o projecto “mobilidade para todos”. Concluimos que a idade das habitações, na sua maioria, são muito antigas e permeáveis. Os números confirmados pelo centro de saúde e hospital demonstram que a maioria das doenças são de origem respiratória. Depois, quanto mais viagens circularem, mais doenças provocarão. O atravessamento da nacional 10 e A1, são as principais causas. Em conclusão, a nossa prioridade é a circulação pessoas, depois a circulação de transportes públicos de emergência e segurança, em último o transporte privado.



Estação ferroviária de Vila Franca de Xira

E quanto aos parqueamentos?

Aqui há maior contestação. Queremos desenhar um espaço de tempo para actividade económica para as pessoas – o estacionamento esteja reservado de acordo com o horário do comércio. Fora destes horários servirá para os residentes. A regularização será feita através da fiscalização. O projecto está a ser

desenhado. Em conclusão, queremos condicionar os acessos aos parques de estacionamento para pessoas que vêm de fora trabalhar aqui, estacionamento próprio para quem reside e trabalha mas libertar o espaço no centro onde há mais vida e actividade e localizá-los em zonas de residência, o que faz com que as pessoas andem mais a pé para o centro. É preciso criar condições para as pessoas andarem com segurança: arruamento dos passeios, passadeiras, resolver as questões dos circuitos onde estão situados transportes, edifícios e residências, para que estes sejam cativantes, para além de seguros. Esta é a ideia principal, que este na base de todo o regulamento de trânsito. Será feito de uma forma gradual. A Simtejo e os SMAS estão a fazer intervenções no subsolo, quando acabarem farão a recuperação já com estas alterações. Penso que todas estas alterações acabarão por transformar as mentalidades.

Continuam a existir novos problemas na passagem superior da linha ferroviária?

Sim, infelizmente. O problema é que no atravessamento da linha há entrada de água e as pessoas molham os pés. Não tem tapetes rolantes mas apenas elevadores, a máquina dos bilhetes só existe de um lado. A REFER vai resolver esta situação, segundo Maria da Luz Rosinha.